

*Fake news in the classroom: from reading texts to changes in social attitudes***Resumo:**

Este artigo relata um recorte de uma caminhada de pesquisa em nível de mestrado, em que abordamos o fenômeno das fake news em sala de aula. O estudo teve como objetivo investigar como a construção de sentidos, realizada conjuntamente com estudantes de ensino médio de uma escola pública estadual, pode auxiliar no reconhecimento ou na descoberta de pistas (con)textuais que evidenciam falsas informações em publicações compartilhadas em redes sociais. A investigação aconteceu durante dez oficinas de leitura, realizadas de maneira remota – em conformidade com as medidas de isolamento social durante a pandemia de COVID-19 – com alunos do ensino médio de uma escola localizada no interior do Ceará. Tivemos como bases teóricas a concepção de texto como evento comunicativo (BEAUGRANDE, 1997; MARCUSCHI, 2007); a construção de uma aprendizagem situada (COSTA, 2010); a leitura complexa (PELLANDA, 2005; MORIN, 2015; FRANCO, 2011; COSTA; MONTEIRO; ALVES, 2016); os processos biológicos e cognitivos de aprendizagem (MATURANA; VARELA, 1995) e a perspectiva sociocognitiva da linguagem (SALOMÃO, 1999). Para a geração dos dados, adotamos como metodologia a pesquisa-ação crítico-colaborativa (PIMENTA, 2005), uma vez que agíamos e participávamos do trabalho, como pesquisadores participantes. A pesquisa apontou para grandes mudanças de concepção, posturas e posicionamentos sociais em relação à problemática das fake news, além de ter desencadeado a realização de um projeto de pesquisa por parte dos estudantes participantes, impactando a comunidade local.

Palavras-chave: Texto. Fake News. Leitura. Complexidade.

Abstract:

This article reports an excerpt from a research journey at the master's level in which we addressed the phenomenon of fake news in the classroom. The study aimed to investigate how the construction of meanings carried out jointly with high school students from a state public school can help in the recognition or discovery of (con)textual clues that show false information in publications shared on social networks. The investigation took place during ten reading workshops, carried out remotely – in accordance with social isolation measures during the COVID-19 pandemic – with high school students from a school located in the interior of Ceará. We had as theoretical bases the conception of text as a communicative event (BEAUGRANDE, 1997; MARCUSCHI, 2007); the construction of situated learning (COSTA, 2010); complex reading (PELLANDA, 2005; MORIN, 2015; FRANCO, 2011; COSTA; MONTEIRO; ALVES, 2016); the biological and cognitive processes of learning (MATURANA; VARELA, 1995) and the socio-cognitive perspective of language (SALOMÃO, 1999). For data generation, we adopted critical-collaborative action-research as a methodology (PIMENTA, 2005), since we acted and participated in the work, as participating researchers. The research pointed to major changes in conception, postures and social positions in relation to the problem of fake news, in addition to triggering the carrying out of a research project by the participating students, impacting the local community.

Keywords: Text. Fake News. Reading. Complexity.

1. Doutoranda e Mestra em Linguística Aplicada (PosLA), pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Professora da rede estadual do Ceará, lotada na EEMTI Tabela José Pinto Quezado, Aurora-CE.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, com a ascensão das mídias digitais, vemos emergir um perigoso fenômeno que atinge todas as esferas de nossa vida social, as *fake news*. Como professora de escola pública, estudante universitária e cidadã, a principal motivação desta pesquisa se pautou no domínio discursivo das mentiras que invadiram o campo eleitoral de 2018 e que vemos se repetir nos anos posteriores, como em 2022. Pensando em levar a discussão para a sala de aula e discutir a complexidade do problema com estudantes de ensino médio, nasce a pesquisa de mestrado intitulada *Leitura de fake news em sala de aula: tecendo inferências a partir das pistas (con)textuais, discutindo os efeitos de sentido e assumindo posicionamentos*, publicada em 2021 como dissertação pelo Curso de Pós-graduação em Linguística Aplicada (PosLA), da Universidade Estadual do Ceará-UECE, de minha autoria (OLIVEIRA, 2021) e orientada pela professora Dra Maria Helenice Araújo Costa, ganhando desdobramentos na escola e na comunidade de Aurora, cidade localizada no interior do Ceará.

Este artigo relata um recorte da investigação mencionada trazendo os principais pontos da experiência em sala de aula. Em 2022, a dissertação foi publicada como livro pela Luazul Edições. Nosso trabalho é mais um braço das pesquisas realizadas pelo GEENTE², cuja atuação tem sido embasada em uma perspectiva ecológica de texto³, vivida de maneira interativa, dinâmica e construída conjuntamente. A pesquisa procurou responder às seguintes questões: a) como os estudantes constroem sentido a partir da identificação/descoberta das pistas (con)textuais⁴ que evidenciam características comuns em *fake news*?; b) como o ensino situado produz efeitos na construção de sentidos em práticas pedagógicas que possam potencializar a consideração das pistas (con)textuais em *fake news*?; c) como os estudantes ressignificam/recategorizam *fake news* a partir de uma abordagem complexa de leitura construída conjuntamente?

Para isso, traçamos objetivos a partir dessas questões e dividimos a pesquisa em 3 etapas: I – atividades de familiarização; b) II – minicurso “Os textos e a vida, uma abordagem interdisciplinar do conhecimento”, com 10 oficinas de Leitura de 2 horas cada; c) III – atividades conclusivas. Em todas as etapas, lançamos mão das autonarrativas (PELLANDA; PICCININ, 2020), escritas no Diário de Bordo digital, onde os alunos puderam relatar suas trajetórias de aprendizagem após cada encontro. Com os dados gerados e em mãos, analisamos o processo a partir de 3 categorias linguísticas de

análise textual: a referenciação, inferenciação e recategorização (processos que acontecem de maneira contínua e em movimento no evento textual), com base nos depoimentos dos alunos ao longo do minicurso.

No que se refere à organização estrutural deste artigo, dividimos nosso recorte em cinco seções. Na segunda seção, discorremos sobre a nossa trajetória teórica, seguida de nossos percursos metodológicos na terceira seção. Na seção seguinte, dos resultados e discussões, analisamos os recortes dos dados gerados ao longo da pesquisa, relatando partes do processo de construção de sentidos na leitura de *fake news*, a partir das atividades elaboradas e das falas dos estudantes. Finalizamos as nossas reflexões com as considerações finais, retomando as questões de pesquisa, tecendo conclusões acerca da investigação e delineando rumos que a pesquisa tomou no âmbito social.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este estudo empreende uma caminhada teórica que parte de uma visão complexa (PELLANDA, 2005; MORIN, 2015) e ecológica de mundo e de ciência. Trazemos uma abordagem relacionada ao campo da Linguística Textual, sob a perspectiva da vivência do evento comunicativo (o texto) – em que convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais, incluindo os leitores, participantes desse evento – que é textualizado continuamente, conforme o conceito de texto de Beaugrande (1997), reforçado por Marcuschi (2007). Abordamos, dentro do processo de leitura, a aprendizagem como cognição situada, conforme Costa (2010) e Costa, Monteiro e Alves (2016), levando em consideração os processos biológicos e cognitivos a partir de Maturana e Varela (1995), e, da sociocognição em Salomão (1999).

À luz desse olhar teórico, conectamos os estudos em Linguística Textual a três eixos principais de discussão: o primeiro voltado para a problemática das *fake news*, seus impactos, suas questões históricas e políticas; o segundo, situando a pesquisa no período emergencial do ensino remoto; e o terceiro focando no trabalho com o texto, no processo de ensino-aprendizagem, na leitura complexa e seus percursos interativos de textualização. Esse embasamento contribuiu com a organização das oficinas de leitura e permitiu um melhor entendimento sobre o fenômeno pesquisado.

Em primeiro lugar, dentro da visão epistemológica em que a pesquisa se constroi, investigamos o fenômeno

2. Grupo Estudos e Ensino de Texto (GEENTE). Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8780729677840959>. Acesso em: 10 abr. 2023.

3. Chamamos aqui de perspectiva ecológica de texto o entendimento de que o evento comunicativo abrange questões interdisciplinares e a discussão de visões sociais e políticas que instiguem posturas que considerem o outro, a coletividade e a responsabilidade ambiental.

4. Escrevemos a palavra (con)textual com o (con) entre parênteses por considerarmos, a partir da visão de texto como um evento comunicativo, em Beaugrande (1997), que o contexto é parte do evento textual, pois, no contexto.

das *fake news* na cadeia complexa de episódios desinformativos que mudaram o curso da história, mesmo antes da ascensão da Internet, tratando mais atualmente sobre o funcionamento de algoritmos que são impulsionados pela influência do poder e do capital, além dos marcos legais que norteiam as políticas de combate à desinformação em nosso país. Para a elaboração das atividades das oficinas e instigação dos debates, realizamos discussões acerca de relevantes questões legais que vão desde o Marco Civil da Internet até a discussão do Projeto de Lei 2.630/2020⁵, que ganhou espaço de debate em 2023, na busca de instituir a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet – legislação que propõe a responsabilização dos provedores de Internet (as big techs) no combate à desinformação, atribuindo sanções, caso as plataformas descumpram a lei. Tratamos também em nossas discussões em sala de aula sobre as agências de checagem e seu papel no combate às *fake news*, conectando o contexto social da desinformação à visão complexa de ciência e ao sistema educacional.

Pensar a ciência a partir da Epistemologia da complexidade (em oposição às ideias cartesianas e positivistas) com base em autores como Pellanda (2005) e Morin (2015) amplia o nosso olhar para o sistema educacional. Essa teoria foi fundamental para os nossos estudos, uma vez que a pesquisa está situada em um emaranhado de relações humanas, sociais e ecológicas, não-lineares e imprevisíveis, sobretudo em um contexto de pandemia em que se afluíram conflitos existenciais, incertezas, inseguranças, afetos, necessidades de se repensarem as relações com os outros e com o mundo. Em segunda análise, passamos para a realidade social em que a pesquisa se assentou, a pandemia de COVID-19. Além de modificações na caminhada metodológica da pesquisa, vimos a necessidade de analisarmos o ensino remoto no contexto pandêmico: como estava acontecendo, como as leis voltadas para a educação foram organizadas nesse contexto, como a escola tentou se adaptar, bem como o enorme escancaramento das desigualdades sociais, demandando a necessidade de elaboração de políticas públicas de inclusão e extensão do processo educacional.

Esse entrelaçamento teórico nos permite caminhar em direção a construção de um percurso textual ecológico, partindo dos estudos de Maturana e Varela (1995), sob a ótica de que viver é conhecer, discussão muito importante para os avanços dos estudos cognitivos. A Biologia do conhecer⁶ e seus conceitos de

*autopoiesis*⁷ (autoprodução), *acoplamentos estruturais*⁸ e *perturbações*⁹ revelam modos de viver e conceber a realidade a partir da existência humana e sua comunhão com a natureza, a sociedade e o universo. O conhecer, para os autores, é fruto de uma série de fatores, internos (acoplamentos estruturais) e externos (perturbações) em constante atividade. Ao mesmo tempo em que a humanidade vive esses movimentos internos, biológicos, fechados, está imersa também em relações sociais e culturais que o constituem desde os primeiros contatos com outros seres humanos, o que nos faz pensar em linguagem como sociocognitiva, conceito cunhado por Salomão (1999). Apoiamo-nos na hipótese sociocognitiva por esta não tratar a compreensão da língua como ação puramente cognitiva ou somente um fato social, mas em constante reconstrução, de maneira infinita pelos seus falantes na esfera individual e coletiva ao mesmo tempo.

Fiando as teias cognitivas, conectamos essas ideias ao conceito basilar de nossa pesquisa, o de texto como um evento comunicativo (BEAUGRANDE, 1997), do qual fazem parte ações linguísticas, cognitivas e sociais. As ações linguísticas permeiam todo o nosso viver na linguagem, o texto integra parte de nós, da nossa visão de mundo, das nossas experiências vividas e compartilhadas ao longo da vida com os outros, das leituras que fizemos, dos lugares por que passamos, das nossas crenças, bem como das informações de que temos ou não conhecimento, então o texto é "lido" a partir de uma abordagem complexa (FRANCO, 2011). A imagem a seguir, ilustra importantes questões que perpassam a leitura no momento da textualização de modo complexo e dinâmico e não-linear:

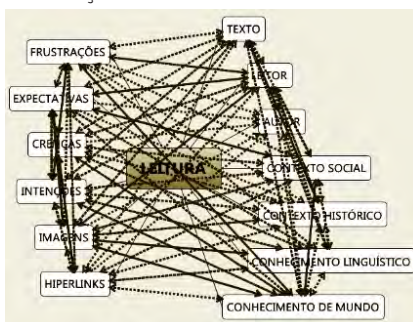
5. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/141944>. Acesso em 10 abr. 2023.

6. Teoria da autopoiese, ou Biologia do Conhecer, é o nome dado ao conjunto das ideias do neurobiólogo chileno, Humberto Maturana.

7. Conceito epistemológico que discorre sobre a constante movimentação cognitiva dos seres vivos, em virtude dos estímulos do ambiente em que vivem. Logo, viver na linguagem nos possibilita refletir sobre as relações humanas e a cognição em particular.

8. Maturana e Varela cunharam o termo acoplamento estrutural. Para eles, o acoplamento estrutural é o próprio mecanismo que subjaz à evolução e à aprendizagem (MATURANA; VARELA, 1980).

9. Perturbações: todas as interações que desencadeiam mudanças de estado (MATURANA; VARELA, 1995).

Figura 1 – Fluxo de informação multidimensional em um sistema de leitura.

Fonte: Franco (2011, p. 42).

Quando olhamos para a leitura como um processo dinâmico, vivo, complexo e imprevisível, e analisamos os avanços da ciência, Linguística Textual vemos uma direta ligação com as concepções de texto e suas interfaces para o ensino. A trajetória da Linguística Textual ajuda-nos a compreender por quais passagens o ensino caminhou e que amarras tradicionalistas, baseadas em uma visão linear de linguagem e ensino ainda permanecem, mesmo com todos os avanços dessa ciência.

Por essas razões, em se tratando de reconhecer informações falsas, fez-se necessária a discussão acerca desses processos de leitura, considerando os princípios de textualização, apontados por Beaugrande (1997), principalmente o princípio da aceitabilidade, que parte de quem lê, e o da intencionalidade, que parte de quem publica, além das escolhas lexicais e expressões referenciais que conduzem a categorizações/conclusões mais conscientes. O desenvolvimento dessas habilidades, aliado ao debate de ideias (na esfera contextual) contribui com a preparação de cidadãos para que sejam capazes de reconhecerem, discernirem e não passarem adiante discursos manipuladores perigosos. As publicações falsas podem estar a serviço de ideologias como as dos que detêm o poder, do capitalismo ou de grupos políticos ou religiosos, elementos que influenciam diretamente a vida cotidiana de forma a prejudicar a autonomia e os direitos dos cidadãos.

Fechando a discussão, trazemos as nossas categorias linguísticas, pinçadas dentro da análise das falas dos estudantes. Debruçamo-nos sobre pistas (con) textuais detectadas/descobertas em *fake news* ao longo das oficinas, dentro das categorias de análise, que são os processos de referenciação, inferenciação e categorização. Em nossas abordagens teóricas, distanciamos-nos dos conceitos de linguagem apenas como representação do pensamento e da realidade, uma vez que os falantes estão a todo momento e de várias maneiras diferentes recriando realidades por meio de suas interações. Essa visão é baseada nas ideias de estudiosos como Marcuschi (2007), quando discorre sobre a relação entre cognição, linguagem e produção de sentidos focando nas interligações entre as três atividades – referenciação, inferenciação

e categorização, que são realizadas a todo momento para construir a compreensão sobre o mundo.

Logo, entendemos que somos constantemente coautores na produção de sentidos e na construção da realidade, uma vez que vivemos na linguagem e agimos no mundo através dela, não simplesmente representamos o que vemos ou pensamos, algo impossível diante da complexidade do mundo e dos fenômenos da linguagem. Essas reflexões delinearam o nosso entendimento mais aprofundado acerca do fenômeno linguístico da emergência das *fake news* e nos ajudaram a analisar, de modo científico, os dados gerados referentes à escrita dos alunos, percebendo pistas sobre como cada um aprende e os fatores externos que influenciam diretamente o processo sociocognitivo de cada participante. A seguir, conectamos as nossas visões teóricas ao percurso metodológico, no intuito de compreendermos melhor a emergência dos indicadores.

3. METODOLOGIA

Nesta seção, detalharemos o tipo e natureza de pesquisa, o perfil dos participantes, os procedimentos realizados ao longo das oficinas, os instrumentos usados para o registro da emergência dos indicadores (dados) e as modalidades de interação (categorias de análise). Este estudo aproximou-se de um viés qualitativo e de um caráter exploratório (TRIVIÑOS, 1987), caracterizando-se como uma pesquisa-ação crítico-colaborativa (PIMENTA, 2005).

Contamos com 22 participantes dos três anos do ensino médio e da Educação de Jovens e Adultos – EJA, matriculados em uma escola de Ensino Médio de Tempo Integral localizada em Aurora-CE, que se dispuseram a participar em um período em que as aulas presenciais foram suspensas. Os indicadores analisados aqui emergiram ao longo de 10 oficinas, com duração média de 2 horas cada, realizadas entre os meses de maio e junho de 2020, por meio do aplicativo de reuniões *Hangout Meet*. Para a geração de indicadores, utilizamos, além de duas atividades elaboradas e respondidas pela plataforma *Google Formulários*: a Atividade de Familiarização, respondida no segundo

dia de oficina e a Atividade Conclusiva, respondida no encerramento do minicurso, o Diário de Bordo, preenchido logo após cada encontro, na plataforma *Google Classroom* e as gravações dos encontros, registradas por meio da plataforma *Hangout Meet*. Para

a análise, selecionamos uma amostra das respostas das atividades e as autonarrativas no Diário de Bordo.

Ilustramos no quadro a seguir o percurso temático de nossos encontros:

Quadro 1 – Cronograma do Minicurso.

Oficina	Data	Planejamento
Oficina 1	19/05	Apresentação do curso, termos, familiarização com os participantes e detalhamento da metodologia.
Oficina 2	21/05	Atividade de Familiarização.
Oficina 3	26/05	Concepções texto, leitura, pesquisa e exemplos.
Oficina 4	28/05	Debate: A histórica Manipulação discursiva. Prof. Me. Assis Severo. Professor de história da rede pública estadual do Ceará.
Oficina 5	02/06	Manipulação Textual: como não cair nessa?
Oficina 6	04/06	Oficina ministrada pelos estudantes: Investigação das pistas (con)textuais em <i>fake news</i> . Jogo do fato ou <i>fake</i> , realizado em duplas.
Oficina 7	09/06	Debate: <i>As fake news</i> e o negacionismo científico. Prof. Dr. Alexandre Costa, físico, ambientalista e professor universitário.
Oficina 8	11/06	Debate: <i>Fake news</i> e saúde em tempos de pandemia. Convidado: Romério Alves, enfermeiro e acadêmico de medicina da UFPE.
Oficina 9	16/06	Debate: <i>Fake news</i> e imprensa: Os desafios do cotidiano. Convidada: Jornalista Monike Feitosa.
Oficina 10	18/06	Atividades Conclusivas.

Fonte: Elaborado pela autora.

A análise teve como foco os critérios relacionados aos processos de textualização que acontecem simultaneamente: a referenciação, a inferenciação e a (re)categorização, tendo em vista a) A compreensão inicial (antes das discussões) dos estudantes em relação aos textos, a partir da análise dos processos de textualização, como foco na referenciação em *fake news*; b) A aprendizagem situada e seus efeitos na construção de sentidos por meio das inferências realizadas durante os processos sociocognitivos na leitura conjunta; e c) As recategorizações/ressignificações provenientes das perturbações do ambiente, incidindo no modo como os estudantes passaram a reconhecer as *fake news* e suas possíveis intencionalidades.

Para o cumprimento dos procedimentos éticos, elaboramos os termos de autorização para os participantes maiores de idade e autorização dos pais para os menores de idade. A pesquisa foi autorizada mediante apreciação de projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEP7 da Universidade Estadual do Ceará – UECE¹⁰, em conformidade aos padrões (Normas e Diretrizes Regulamentadoras da Pesquisa Envolvendo Seres

Humanos – Resolução 466/2012 e 510/2017), seguindo o processo com toda documentação necessária exigida.

Traremos na seção seguinte, um recorte de nossos resultados, gerados a partir dos instrumentos listados aqui para que tenhamos um maior entendimento sobre como as recategorizações aconteceram ao longo da construção conjunta de sentidos e como os alunos desenvolveram um olhar questionador e engajado em torno da problemática em questão.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta seção apresentará parte dos resultados do nosso estudo. Realizamos uma cuidadosa elaboração das oficinas e das atividades, de modo que pudéssemos instigar a emergência de discussões acerca de diversos assuntos de maneira interdisciplinar, contando inclusive com profissionais convidados de área como ciências humanas, ciências ambientais, saúde e jornalismo. As atividades e os textos selecionados (incluindo as *fake news*), tinham o objetivo de desencadear discussões em grupo (relatadas aqui) ao serem textualizadas conjuntamente. Selecionamos para a nossa análise, partes de dois momentos principais das oficinas: (I) as

10. Pesquisa submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da UECE e aprovada sob o parecer número nº 3.904.725/CAAE 29238320.4.0000.5534.

respostas da Atividade de Familiarização, enviadas pelo *Google Forms* e (II) comentários do Diário de Bordo, para ver se/como houve ressignificação das perspectivas iniciais dos alunos em relação à leitura de textos de diversos gêneros, até chegarmos nas *fake news*.

Após a apresentação da proposta dos encontros, propusemos a Atividade de Familiarização, contendo a primeira pergunta, mostrada a seguir:

Pergunta da questão 1: Olá cara(o) participante, seja muito bem-vinda(o) ao nosso minicurso. Como você vai? Neste formulário você terá a oportunidade de falar um pouco sobre você, quais dificuldades você apresenta quando o assunto é interpretação de texto e as impressões que teve sobre a atividade. Há uma leitora que está ansiosa para saber mais sobre vocês, por isso, sintam-se à vontade para escrever. (OLIVEIRA, 2021, p.96).

Para a primeira interação na atividade, obtivemos as seguintes respostas, que prepararam os caminhos para chegarmos ao nosso primeiro objetivo, que foi o de analisar como os estudantes constroem sentido a partir da identificação/descoberta das pistas (con)textuais que evidenciam características comuns em *fake news*.

A.N: "olá, obrigada eu pela oportunidade. Bom, quando se trata de texto grande me perco toda, espero que eu consiga"

A.J: "eu sou afobada kkk, eu leio o texto bem rápido e já vou marcando a alternativa que eu acho que é, por medo de não dar tempo responder todas as questões, por isso, eu sempre erro questões de interpretação"

R.L: "interpretar os textos, já é algo muito complicado para mim, pois podem existir milhares de interpretações e quando uma determinada questão foca em apenas uma, é complicado entender."

M.P: "Eu estou bem. Eu tenho muita dificuldade em interpretação de texto. [...] tenho dificuldade, principalmente, na resolução de questões de interpretação é muito complicado para mim acertar qual alternativa está correta e qual incorreta."

M.B: "Olá, estou indo bem!! É... Uma das minhas dificuldades... [...] quando damos as nossas opiniões

muitos dizem que tá errado, fico com dúvida como que falo. (OLIVEIRA, 2021, p.96).

Vemos que inicialmente todos os participantes relataram apresentar fragilidades em torno da resolução de questões e da interpretação acerca do que leem. A atividade apresentada aos estudantes continha vários textos (que conversavam entre si), como a música de Raul Seixas, O dia em que a terra parou, que foi mote de nossa discussão sobre o isolamento social, a pandemia e, posteriormente, a desinformação. Na questão seguinte, contextualizamos o conceito de *fake news* e perguntamos sobre a identificação e compartilhamento desses textos:

Pergunta da questão 10: Vimos na canção de Raul Seixas, que ele se autodenominava um sonhador, maluco, que artisticamente idealizou uma realidade até então impensada. Assim como o cantor, algumas realidades são recriadas a partir de publicações que não condizem com os fatos. Sabemos que hoje estamos cercados de postagens de caráter duvidoso, lançadas para atender interesses pessoais, de partidos políticos, instituições ou mídia de uma maneira geral. No meio virtual, muitas pessoas acabam compartilhando informações sem consultar se o conteúdo é verdadeiro. A circulação de informações falsas sempre existiu, mas o ambiente digital possibilitou a rapidez do compartilhamento das populares *fake news*. Para o Dicionário de Cambridge, o conceito *fake news* indica histórias falsas que parecem ser notícias, disseminadas na internet ou usando outras mídias, geralmente criadas para influenciar opiniões políticas ou como piadas. A partir dessas informações gostaríamos de saber: Afinal, você sabe o que são *fake news*?

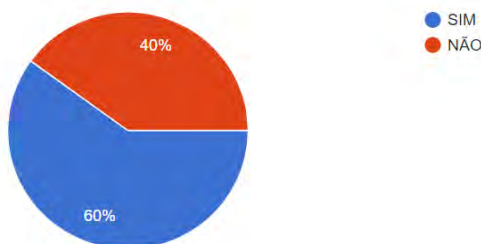
Você já compartilhou algum conteúdo de veracidade duvidosa?

- a) SIM
 - b) NÃO
- (OLIVEIRA, 2021, p.184).

Obtivemos como respostas o importante percentual:

Você sabe identificar uma notícia falsa?

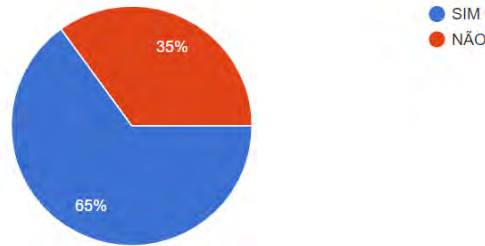
20 respostas



11. Utilizamos aqui as iniciais dos nomes e sobrenomes dos participantes da pesquisa, mantendo os seus anonimatos

Você já compartilhou algum conteúdo de veracidade duvidosa?

20 respostas



Fonte: (OLIVEIRA, 2021, p.104).

Diante desses números, vimos a necessidade de discutir conjuntamente textos que estimulassem discussões entre o grupo e habilidades textuais críticas e investigativas. Selecionamos aqui uma das questões da atividade, referente a uma *fake news*, devidamente checada nas agências de *fact-checking*, para verificar as respostas dos estudantes acerca de sua veracidade e a justificativa de suas escolhas. A publicação foi

selecionada por apresentar uma estrutura com dados manipulados sobre a situação epidemiológica do Brasil em comparação a outros países em 2020. Essas postagens exigem um olhar um pouco mais sensível e um aprofundamento contextual maior por parte dos participantes para que sejam detectadas/ descobertas pistas que levem ao entendimento sobre a sua veracidade e confiabilidade.

Figura 2 – Questão da Atividade de Familiarização (Etapa I).

g. Dados obtidos em 20ABR 20(08:30) <https://www.worldometers.info/coronavirus/>.

TAXA DE RECUPERADOS (Números de Recuperados / Números de Casos)			
PAÍS	CASOS	RECUPERADOS	TAXA
BRASIL 🇧🇷	39.144	22.130	56,53%
ESPAÑA	200.210	80.587	40,25%
CANADA	35.056	11.843	33,78%
ITÁLIA	178.972	47.055	26,29%
JAPÃO	10.797	1.159	10,73%
ESTADOS UNIDOS	764.265	71.012	9,29%
RUSSIA	47.121	3.446	7,31%
SUÉCIA	14.385	550	3,82%
PORTUGAL	20.206	610	3,02%

Dados obtidos em 20 ABR 20 (08:30) <https://www.worldometers.info/coronavirus/>

Brasil é o primeiro no ranking mundial em recuperados do vírus chinês! 🇧🇷 🙏
Me ajuda a compartilhar essa notícia boa.

- a. Compartilho, não é uma notícia falsa.
 - b. Não compartilho, é uma notícia falsa.
 - c. Compartilho, mesmo não tendo certeza.
 - d. Não compartilho, pois não tenho certeza
- Eu respondi essa alternativa na questão 9, porque...

Fonte: (OLIVEIRA, 2021, p.101).

Observemos as respostas:

E.M: "Compartilho, não é uma notícia falsa. Porque ela acompanha a fonte de sua informação, bastando apenas uma conferida na responsabilidade do site."

A.L: "Compartilho, mesmo não tendo certeza. Compartilho pq talvez seja uma notícia boa e estamos precisando de bias notícias."

P.I: "Não compartilho, é uma fake news. No Brasil há uma sub-notificação de casos, então o cálculo fica impreciso."

H.S: "Eu não compartilharia nem se soubesse que é verdade, pois o fato de haver muitos curados apesar de ser uma ótima notícia não é algo a se comemorar

pois o número de óbitos é bem maior. Além disso, esse tipo de mensagem pode fazer a população rejeitar os principais noticiários por não terem divulgado uma notícia positiva e por isso não seguir as diversas informações importantes que eles repassam."

F.E: "Não tendo certeza não compartilho pq uma notícia dessas pode relaxar as pessoas e elas podem acabar não levando tão a sério o isolamento social!" (OLIVEIRA, 2021, p.103).

A publicação evidenciada na questão foi declarada como falsa pela agência 'Aosfatos'¹² e outras agências de checagem brasileiras em maio de 2020. Os números expressos e obtidos naquela data eram

reais, porém, informações (con)textuais mostram a impossibilidade de coerência ao comparar países com oferta e critérios de testagens para a Covid-19 diferentes. Essa informação comparativa com um texto escrito, contendo emojis, na parte inferior da imagem, celebrando a recuperação de pessoas foi intencionalmente montada para levar à manipulação. Essas comparações incoerentes poderiam conduzir a comportamentos menos cautelosos por parte da população em torno das medidas de prevenção à COVID-19, o que se torna muito perigoso ao considerarmos que estávamos em um momento em que não havia vacinas desenvolvidas no Brasil para o vírus que se alastrava rapidamente, representando um grande risco à saúde pública. Vimos pelas respostas que alguns alunos tenderiam a compartilhar tal publicação, o que reforça a necessidade de um debate complexo sobre a interpretação e aprofundamento em dados que são divulgados de maneira arbitrária, simplista e descontextualizada.

A seguir, trazemos dados da segunda etapa de nossa pesquisa, cujo objetivo era de investigar como o ensino situado produz efeitos na construção de sentidos em práticas pedagógicas que possam potencializar a consideração das pistas (con)textuais em *fake news*. Vemos, na sequência, um compilado das autonarrativas dos participantes, após o 4º encontro, em que debatemos *A histórica manipulação discursiva*, de modo interdisciplinar, e discutimos textos com imagens estereotipicamente naturalizadas pelas grandes corporações em suas propagandas.

P.I: "O mais interessante é que aparentemente as aulas têm um sentido cronológico, na aula anterior, foi muito frisado a questão do "por quê", já nessa, além do questionamento, muitas explicações vieram juntas, como por exemplo: por que a nossa sociedade é assim? por que ensinaram isso? [...] Aprendi muito nessa aula, principalmente a como enxergar toda a construção da sociedade."

I.C: "É muito importante se questionar sobre a desigualdade e o preconceito existente na sociedade, e o encontro 4 nos levou a refletir sobre isso. Afinal, muitas vezes, traços do preconceito em propagandas, mídias, discursos podem passar despercebidos. Por muito tempo da minha vida, eu não me perguntava o porquê de eu só poder agir de determinadas formas ou brincar com determinados brinquedos, mas hoje entendo que foi por conta de uma questão social. A cada encontro, eu me surpreendo com o conteúdo interdisciplinar que nos é apresentado, pois nos leva a enxergar as coisas por ângulos diferentes, fortalecendo o senso crítico."

G.S: "Hoje eu estou me sentindo muito bem. Menina, eu aprendi muitoooo!!! Tô besta. Nunca pensei que eu começaria a pensar desse jeito. Nosso tema de hoje foi "Fake News" onde construímos e eu aprendi tais assuntos: – Eleições dos Estados Unidos 2016 – Cambridge Analytica – SnouDEM (Edward SnouDEM) – Brexit (Saída do Reino Unido Da União Europeia) – Eleições do Brasil 2018 e as fake news – Denegrir

(desqualificar) – Leitura Crítica – Analfabetismo Funcional – Isaac Newton (Leis de Newton) – Albert Einstein (Teoria da relatividade) – Interestelar – Stephen Hawking – CPMI das fake news – Agências de fact-checking – Identificar uma Fake News – Poema de Bertold Brecht."

P.I: "Aprendi que testes que aparentemente são inocentes podem adquirir dados pessoais e impactar muita coisa no mundo, como por exemplo, uma eleição de um país. Eu não sabia que esses testes faziam esse tipo de uso dos dados, então foi um aprendizado importante." (OLIVEIRA, 2021, p.117).

Vemos as progressivas evoluções dos participantes, ao dizerem o que aprenderam. O fato de realizarem inferências conjuntamente, a todo momento, propiciou uma potencialização da construção de conhecimentos naquele espaço das oficinas. É visível nos comentários a desconstrução de preconceitos, a ampliação do senso crítico, o aperfeiçoamento da leitura, o reconhecimento da presença da desinformação e o desenvolvimento de entendimentos mais aprofundados sobre a temática. Ao longo dos encontros, era perceptível o quanto os estudantes estavam confortáveis em participar dos debates, ligando o microfone, fazendo perguntas pelo *chat*, tecendo comentários e falando sobre suas impressões a respeito dos textos, contribuindo assim para o processo de textualização.

No último encontro, etapa III, vimos as ressignificações provenientes das discussões realizadas no grupo, atendendo e indo muito além de nosso terceiro objetivo, o de verificar como os estudantes ressignificam/recategorizam *fake news* a partir de uma abordagem complexa de leitura construída conjuntamente:

M.B: "eu já estou com muita saudades, de tudo que a gente fazia, tinha dias que eu estava um pouco cansada, ou com dor de cabeça, mas o minicurso fazia minha mente trabalhar. [...] Amei muito participar, eu me tornei uma pessoa totalmente diferente, na base do conhecimento, aprendi tantas coisas, aiii foi maravilhoso. [...] Em apenas 10 encontros você conseguiu passar esse conhecimento com muitas raízes únicas, com um repertório cultural ótimo e tudo de bom. Palestras inesquecíveis. E vi que o texto é importante para a nossa vida e senti muito isso. Antes eu nem lia com sentimento, mas depois você me mostrou o que é um texto de verdade, a energia tanto positiva como negativa, que existe em palavras. Foram aulas de misto de conhecimentos que é uma mistura de opiniões que ajuda tanto, temos que trabalhar em equipe para sair melhor ainda. Amei aprender sobre as notícias que estão rodando por aí, e é uma coisa que todo mundo deveria, obrigatoriamente saber o que é. Pois todo mundo que te manda informação tem interesse. E para saber qual é o interesse, temos que pesquisar, adentrar na informação sem limite, saber todas as passagens para identificar as Fake News (fake sem News). A importância que nós somos para o mundo. A ciência é provisória, a verdade é incansável. Somos privilegiados por ter você como professora e

amiga. Foi muito legal. Conhecimento é poder. Saber é poder. Obrigada ♥”

I.C: “Refleti sobre como estamos todos conectados. [...] Outra informação que me chamou muito a atenção, foi sobre a importância dos textos, como os textos ocultam emoções e energias a serem transmitidas a quem os lê. Realmente, os textos estão em todo lugar, seja em mensagens virtuais, cartas de amor, livros sagrados, notícias, etc. [...] **Infelizmente, existem pessoas que se aproveitam dos textos para enganar e promover discórdia.** Esse é um dos motivos pelo qual devemos buscar informações verdadeiras, credibilizando quem as divulga. Além de tudo, ter senso crítico e mente aberta é primordial, pois **a alienação e a ignorância são fortes cegueiras sociais.** Enfim, os conhecimentos adquiridos por mim no curso, certamente contribuíram para minha evolução de pensamento.”

A.S: “abri mais a minha mente para analisar o que acontece ao meu redor. **Textos vão muito além do que só palavras, imagens simples escondem significados grandiosos e simples linhas traçadas podem te fazer ter uma crise existencial sobre o tempo e a vida.** Em resumo, sou grata pelo tempo maravilhoso das aulas e tudo que aprendi! Amei te conhecer virtualmente e não vejo a hora de conhecer pessoalmente também!” (OLIVEIRA, 2021, p.154).

A leitura do Diário de Bordo e as interações nas nossas aulas virtuais mostravam, diariamente, evidências da aprendizagem dos alunos. Os depoimentos, expressando as suas descobertas e a satisfação em participar das oficinas, eram frequentes. Construímos uma relação de confiança que permitiu avaliar de fato o processo, que é o mais importante, não o resultado final, que, a meu ver, seria fragmentado e insuficiente. Foram discutidas de forma conjunta, os complexos processos de ensino-aprendizagem, construindo olhares responsáveis e éticos, considerando a realidade dos estudantes e contribuindo com o avanço de suas aprendizagens.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pesquisa, vimos que o modo como os estudantes liam os textos foi progressivamente mudando com o passar dos encontros. A forma como o texto fora abordado, as interações na sala virtual e o entendimento da problemática social emergente direcionou a pesquisa a frutificar e se espalhar na esfera local. Após a conclusão da pesquisa aqui relatada, em março de 2021, duas alunas participantes tomaram a iniciativa de dar continuidade ao trabalho na comunidade aurorense, realizando uma nova pesquisa. Em seguida, deram a início à divulgação científica de seus resultados, participando com sucesso da 19ª edição da Feira Brasileira de Ciências e Engenharia – FEBRACE¹³, sendo finalistas e, posteriormente, contempladas

com duas bolsas de estudo do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, em 2021, com o projeto *Fact-Check Tabelião: a escola a serviço da verdade*, realizado na EEMTI Tabelião José Pinto Quezado, escola localizada em Aurora, interior do Ceará.

No ano seguinte, o projeto ganhou novos participantes e mais desdobramentos. O grupo realizou ações em duas vertentes: nas plataformas digitais, com a criação do www.factchecktb.com.br/, um canal no *Youtube*, o *Fact-check Tabelião* e uma página no *Instagram @fact_checktabeliao*, com foco na divulgação de informações educativas de combate à desinformação e a realização de lives com profissionais de diversas áreas, além da oferta de oficinas para a comunidade. A equipe elaborou material informativo para a alimentação das redes sociais e também organizou uma disciplina eletiva na escola para os demais estudantes.

O grupo seguiu participando de importantes eventos científicos, como o Ceará Científico, em 2021, sendo premiado como primeiro colocado no estado do Ceará, entre os projetos da área de Linguagens, Códigos e suas tecnologias, conquistando mais 3 bolsas de iniciação científica e a publicação do trabalho na primeira edição da Revista Ceará Científico. Em 2022, os alunos ganham mais uma vez destaque na FEBRACE e ficam em segundo lugar em âmbito nacional, na área de Ciências Humanas, sendo agraciados com mais 3 bolsas CNPq. Além de todas as conquistas da equipe, fui indicada ao prêmio Professor Destaque, na FEBRACE 2022 e contemplada com bolsa ATP-A do CNPq, durante 6 meses, fortalecendo assim a parceria entre universidade-escola-comunidade.

13. A FEBRACE é promovida pela Universidade de São Paulo-USP em parceria com o CNPq, Ministério da Educação, empresas como Intel, Samsung e Rede Globo, além de parcerias internacionais como a Internacional Science & Engineering Fair (Regeneron ISEF), que acontece nos EUA.

REFERÊNCIAS

BEAUGRANDE, Robert de. **New foundations for a science of text and discourse**. cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society. Norwood: Ablex, 1997.

COSTA, Maria Helenice Araújo. Linguagem como interlocução e aprendizagem como cognição situada. **Linguagem em Foco**, v. 2, p. 151-167, 2010.

COSTA, Maria Helenice Araújo; MONTEIRO, Benedita Conceição; ALVES, José Eleildo Pereira. Ensino de leitura na perspectiva do texto como evento: o desafio de fazer emergir o sentido. **Rev. Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 42-66, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/5360/3931>. Acesso em: 17 abr. 2023.

FRANCO, Cláudio de Paiva. Por uma abordagem complexa de leitura. *In.*: TAVARES, K. C. do A.; BECHER-COSTA, S. B. A.; FRANCO, C. de P. (Orgs.). **Ensino de Leitura: fundamentos, práticas e reflexões para professores da era digital**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2011. p. 26-48. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.lingnet.pro.br/media/ebooks/leitura_tavaresetal.pdf. Acesso em: 20 abr. 2023.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. Campinas: Psy II, 1995.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

OLIVEIRA, Debora Leite de. **Leitura de fake news em sala de aula: tecendo inferências a partir das pistas (con) textuais, discutindo os efeitos de sentido e assumindo posicionamentos**. 2021. 221 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico ou Profissional em 2021) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: https://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2021/04/DISSERTA%C3%87%C3%83O_D%C3%89BORA-LEITE-DE-OLIVEIRA.pdf. Acesso em: 15 de maio de 2021.

PELLANDA, Nize Maria Campos. Leitura como processo cognitivo complexo. *In.*: OLMÍ, A.;

PERKOSKI, N. (Orgs.). **Leitura e cognição: uma abordagem transdisciplinar**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005. p. 51-69.

PELLANDA, Nize Maria Campos; PICCININ, Fabiana. Autonarrativas como auto-conhecimento: uma experiência didática na perspectiva da complexidade. **Revista E-curriculum**, v. 18, p. 453-472, 2020.

PIMENTA, Selma Garrido. Pesquisa-ação crítico colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências de formação e na atuação docente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 521-539, set./dez. 2005.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Veredas: revista de estudos linguísticos**, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 61-79, 1999.